

DILUIR DESAPARIÇÃO

Elton Panamby

No dia 18 de maio de 2021 fui convidado por Dani d’Emilia a fazer parte deste processo de refazimento a partir do que gerou em parceria com Vanessa Andreotti e Coletivo GTDF sobre os senti-pensares da ternura radical. No mesmo dia fui convocado ao luto por forças invisíveis, já vindo nessa maré de tantas despedidas. Encruzilhada de afetos: parentes que se vão, afetos que são retomados após longos anos, tramas de ternura para co-sentir as dores umas des outras, traumas para os quais buscamos curas. A partir então da leitura de “Co-sentindo com Ternura Radical” atravessade por processos de perda, de morte e conexão com outros mundos, outros seres, outras formas de estar junto, fui compostando, adubando, fermentando e enriquecendo o solo para que pudesse plantar o que aqui apresento em pequenos brotos, cotilédones e raízes suspensas, *finiciando*¹ o que não se acaba de acabar. A terra respira. Respiramos juntas.

O presente ritual arte-vida é inspirado pelas seguintes passagens de “Co-sentindo com Ternura Radical”²:

¹ Fim e início em simultaneidade. Termo ensinado por Alla Soub, amigue e trocador de palavração.

² “Escute autoridades não-humanas e cuide da nossa relação com elas.”

Olhe para as coisas difíceis e dolorosas com o amor de quem realmente quer ver.

Deixe-se transpassar pela dor da terra.

Entenda que o corpo da terra não é a extensão do corpo humano, nós é que somos a extensão do corpo da terra.

Co-sinta com
TERNURA RADICAL

<p>Listen to non-human authorities, and care about our relationship with them.</p>	<p>Look at painful and difficult things with the love of really wanting to see.</p>	<p>Understand that the earth is not an extension of our bodies, it's the other way around.</p>
<p>Feel the pain of the earth transpassing you.</p>		<p><u>Co-sense with</u> <u>RADICAL TENDERNESS</u> <u>and practice engaged detachment. Offer palliative care to the dystopic world that is dying, both within and around us. Digest the teachings this death offers.</u></p>

Nos interstícios, encontros:

Vou rememorar a memória, agora, assim, num giro. Passei a mão nos cabelos e percebi que tinham crescido. Senti meus pés fincados na terra, um gosto de café e palheiro. O corpo coberto de uma palha vermelha feita de casca de manga. O rosto mais poroso deixava transbordar os primeiros sinais de falésia. Cavucar-cicatrizar. Olhar a maré encher com os olhos e vazar como pulmões exalando ar. Marulhar.

A terra também é mar.

À terra também amar.

e pratique o desapego implicado. Ofereça cuidados paliativos ao mundo que está morrendo, tanto à nossa volta quanto dentro de nós... Processe os ensinamentos que essa morte nos oferece.”

Ofereço aqui a partilha de uma desapareição em dissolução. É algo que não pode ser visto pois não é do campo ótico nem semiótico. É vulto, visagem escorregadia como sucuri. Vagarosa pois dilata-se. Que seja sentido... peço licença para entrar pelos poros e tocar sua medula, adentrar a vida do seu sangue que é também seiva do mundo. É desapareição para estar nas veias do mundo.





Cuidar do invisível, cuidar do mistério.

(...) é que Iku, a Morte, era o filho mais bonito de Nanã³, a mais velha, senhora dos mangues. Iku sugeriu um dia que a mãe usasse a lama do mangue para fazer o corpo

³ Itan contado por Mãe Stella de Oxossi no livro “O que as folhas cantam (para quem canta folha)”

dos seres humanes. Nanã aceitou a sugestão, com a seguinte condição: quando a vida das pessoas acabasse, que o filho retornasse esse barro a ela. Então Iku pegou um pouco do barro com seu cajado, entregou à Nanã e juntas passaram a cuidar de nascimento e morte. Isso foi lá no início dos tempos... Nanã também é mãe de Omolu, Oxumarê e Euá, todo um povo que cuida dos limiares. Parece... onde a cobra encontra o rabo...

Eu vejo Nanã balançar no vento sua saia de raízes bordada de cracas do mar, ostras e caranguejos dependurados.

Iku tem fome. Iku não gosta de comer gente antes da hora. Iku tem fome. É um orixá a quem nos damos de comer, mas só no fim, só na hora de voltar para a casa, para o barro de Nanã. E o barro caminha devagar...

É maio de 2021 e Iku se chega nos corpos de José Manoel da Silva e Petrônio Tales da Silva, o avô-pai (AVOHAI, como canta Zé Ramalho) e o tio-irmão, em São Paulo onde não tem maré. Eu corpoterra fica devastado, corpoárvore perde alguns de seus galhos mais importantes, também um pedaço de sua fundação, das raízes.

É uma rasgadura no sem-tempo. Encontro com a sombra e beijo sua boca como beijo meu filho. Ternura não pode ser nada mais do que radical pois é trincheira no peito, de uma bacia que se abre como olho d'água. Meu filho, meu irmão, meu tio, meu pai, meu avô, sinto ter parido todos eles. Até onde posso contar o tempo sem que Iku nos veja?

Um caranguejo para o mangue sempre quer retornar.

É dissolver desapareições para que a falta da presença não se torne correntes que nos impeçam de respirar. É o recado dado pelos oráculos, pelas cartas de tarô, pelos astros, pelos aboios, pelas toadas, pelos búzios, pelos caboclos, pelas folhas secando, os corações dos abacates a brotar nos copos d'água me levando pelo mangue através de suas raízes mergulhadas, os inhames e seus cabelos brancos...

Esta partilha vem de uma necessidade de cura de lutos agudos, um ato simbólico de devolver o barro ao barro de corpos que não puderam ser velados, pelos parentes dos quais não pude participar do enterro, cuja morte foi antecipada pela pandemia do COVID-19. Corpos com os quais partilho uma herança sanguínea e encantada, vidas as quais honro e venero. Ancestrais recentes de um panteão forçoso criado pelas mãos de um vírus auxiliado por um genocida nas terras de cá. É também um gesto sônico para digerir, compostar, fertilizar uma dor particular e coletiva para um gesto germinante de estar na ausência. Não se inicia nem se finda aqui pois é ferida funda que só cicatriza no tempo do Tempo, de Iroko. Um gesto para que a dor da perda não se torne água represada nem calcifique pedras que nos cimentem. Para que nossos rios possam correr e alimentar pela terra.

Para digerir o que o mistério não revela.

Txai⁴,

Hoje eu vou pedir a sua ajuda, precisamos devolver Petrus para a Terra para que a gente não precise mais chorar. Como o corpo dele não está aqui, preciso que me ajude a moldar um, com o barro do mangue, no leito da encruzilhada entre rio e mar durante a maré baixa, na vizinhança de onde plantamos placenta. Vamos moldá-lo deitado, repousando serenamente, lhe dedicar suor, cantos da nossa fundura, misturar o sal dos nossos olhos com o sal das águas e esperar que a preia-mar o engula, onde Oxum, Iemanjá e Nanã se encontram, que dissolva seu corpoparro para ser novamente mangue e outros seres. Habitar o interstício para outras formas de vida a morte gerar.

Mas sozinho eu não posso, então vem comigo pedir licença?

⁴ Palavra do tronco linguístico pano, falada pelos indígenas Huni Kuin. Txai é mais que companheiro, metade de mim, o melhor de mim. É também o nome de uma canção e disco de Milton Nascimento e o nome da criança de mim nascida.

É agosto, mês de famílias antigas, povos de terra, de palhas cobrindo o rosto e lençóis guardando segredos. O vento maranhense começa a trançar as pernas. Barravento.

GIBOSA CRESCENTE

De-cantando para baixa-mar.

Alunar, aterrar⁵...

10 de maio MINGUANTE: em posição fetal recebo o assombro dum abraço gelado

11 de maio NOVA: seu corpo é plantado, mas não o vejo

18 de maio CRESCENTE: caboclo chega com força para segurar as pernas do cavalo para que não caia no colapso

19 de maio CRESCENTE: seu corpo é plantado, mas não o vejo

18 de agosto GIBOSA CRESCENTE: com Txai e Tieta, preia-mar para licença pedir, para anunciar chegada. Banho de mar. Banho de rio. Banho de mangue. Uma lua que ligeira se anuncia sobre o manguezal, ainda diante dos raios solares sobre o mar. Prevejo o corpo que ali vai se deitar...

19 de agosto GIBOSA CRESCENTE: convexo, compreendo que é preciso silêncio e alguma solitude. Pouso no leito seco para moldar corpo não-visto na baixa-mar. É de manhã na comunidade de Mangue Seco, Raposa/MA. Na companhia de Eliara Queiroz que me acolhe no silêncio brotado do peito, chego ao lugar onde repousa plácida placenta. Sangue de mangue que ali habita e é.

O barro diz para as mãos que formas deseja ter. Pedir licença, colher com as mãos e o coração nus a matéria-vida das beiras. Barro e areia guardando uma infinidade de seres. Caranguejos de tamanhos e tipos distintos, minhocas de bronze mergulhando no peito recém-nascido.. Sinto as presenças silentes.

⁵ Da música composta por Lô Borges e Márcio Borges, interpretada por Milton Nascimento: "Alunar".

Espero o tempo da vazante dos olhos, canto para o ori-lama, faço furos nas laterais de tua cabeça com os dedos para que canto e água adentrem. Beijo tua testa, me despeço como nunca, faço desejos de fertilidade. Me afasto e observo os caranguejos chama-maré arrodando o corpolama, com as pinças convocando, chamando. Salobra, salobra... os olhos viram búzios de tanto verter.

Sonhei com Rita trazendo as compras de mês. Visita de surpresa.

É maré boa de pescar. Rede de bonança.

O primeiro de muitos corpos que serão moldados. Despedida em quarto crescente para que no torrão-corção da terra as águas possam escorrer e adentrar dando-lhe outras formas e existências...

22 de agosto CHEIA: enquanto finalizo este texto-rito lembro que sempre nos admiramos dos eventos celestes, também seria dia de comemorar mais um giro de José Manoel na Terra. Os eclipses: um encantamento de olhar com a nudez de olhos de criança o movimento da gira dos astros. Lembro da gente desafiando o sol para mirar a sombra que o encobria. Na lua cheia subsequente à passagem do Mago Petrus me sento no quintal de casa entre as plantas e observo o céu reconhecendo sua presença infinita manifestada. Hoje é novamente uma lua cheia e a memória ativa pulsa como coração de um universo vibrante. Percebo que é sobre o corpo da terra, sobre cicatrizar o tecido-mundo, lambar a ferida própria e a própria ferida. Co-sinto.

BOCA D'ÁGUA

Faixas: 1 Chama-Maré / 2 Leito / 3 Viração (maré de queda)

Recomenda-se a escuta em ambiente escuro e confortável com fones de ouvido ou sistema sonoro 2.1 em diante. Ouça [aqui](#).

Marés captadas na praia de Mangue Seco (Raposa/MA)

Vozes, sintetizadores, captação, mix e master: Elton Panamby

Faixas gravadas, mixadas e masterizadas entre junho e setembro de 2021 em São Luís/MA

À memória de Petrus Talles.



Um convite:

Plante-se em algum lugar e espere que seus pés criem raízes.

Faça um ciclo de retorno à matéria-mundo para alguém/algo que você não pôde velar e enterrar.

Diante de tantas vidas perdidas pela pandemia do COVID-19 e suas variantes, pessoas que não podem ter seus ritos de morte feitos integralmente, é preciso (re)criar rituais de despedida, desapego e devolução.

Devolver à terra

De

volver a terra

Devolver

Aterra

Convido aquelas pessoas que sentirem o chamado a fazerem esse que é um ritual para deixar que os apegos se dissolvam.

Encontre uma matéria moldável que seja biodegradável, que se decomponha com facilidade, mas que também sustente o corpo que precisa ser feito por ti. Matéria densa na qual seja preciso imprimir alguma força para moldar. Essa matéria pode ser de um terreno sagrado para você, peça licença, agô para entrar e sair. Uma matéria que seja própria para dar forma a quem será ritualizada, para quem vamos liberar a passagem. É sobre tirar um naufrágio do coração, que é a cabeça da vida, sobre deixar que a maré leve aquilo o que precisa ser transmutado, ser leve para poder seguir conosco adiante e não mais pesar como carga de outras vidas.

Deixe que o tempo aja sobre você, abra os canais para comunicar-se com outras vozes. Anote seus sonhos durante dias, anos ou semanas, escolha uma lua entre minguante e nova, ou entre crescente e cheia. Localize-se num tempo-espaco intersticial. Receba o amparo de um lugar-encante propício para uma dissolução/decomposição, seja em terra, seja em água, em fogo ou vento.

Demore-se então na moldagem desse corpo, deposite sua energia de entrega, doe-se a esse corpo. Decore-o, enfeite ou não, com o que o coração pedir e faça suas preces, deixe-se entoar cantigas, que os transbordos venham e você possa deixar ir. Observe o tempo. Tome seu tempo em goles pequenos para não se engasgar.

Vá te embora. Mas vá embora voando, ou planando sobre águas, ou andando sobre a copa das árvores. Vá embora leve, levando apenas o peso que seu corpo pode carregar. Depois deixe erguer-se do seu corposolo uma floresta inteira.

Nesta ação deverá ser plantado também um segredo.

Agradeço às minhas linhagens sanguíneas e encantadas, ao meu pai Paulo Tadeu da Silva, à minha mãe Lúcia Rosa, Rosana Catelli, meu irmão Miguel Catelli, minha irmã Marina, Cíntia Guedes, ialorixá Aila Gouveia, babalorixá Airton Gouveia, Ilê Ashé Ogun Sogbô, Tieta Macau, Abeju, Inaê Moreira, Eliara Queiroz, Daniele Bubna, Maria de Lourdes Bubna, Edmilson Carlos de Oliveira, Tereza Rosa, Benedito Rosa e todo o roseiral, Txai Panamby, Filipe Espindola, Fernanda Sá, Alla Soub, Walla Capelobo, Milena Lízia, ao legado deixado por Beatriz Nascimento, pajé Barbosa Pitaguary, Nádia Pitaguary, Francilene Pitaguary, Gislana Vale, Ana Aline Furtado, Dora Moreira, à memória de José Manoel da Silva, Petronio Tales da Silva, aos orixás, caboclos e voduns que me guiam, nunca ando só. Asé!